

CAPÍTULO 5

UMA ANÁLISE ONTOLOGICA HEIDEGGERIANA DO SER E DA FINITUDE NO SERMÃO DE QUARTA-FEIRA DE CINZA DE 1672 DE PE. ANTÔNIO VIEIRA

Raul Castro Brasil Bêco

Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Ítalo-brasileira (UIB), Mestrando acadêmico em Filosofia da UVA; Membro correspondente da ACLP (Academia Cearense de Língua Portuguesa).

Centro Universitário INTA – Sobral - CE
<http://lattes.cnpq.br/9223763882745767>.
<https://orcid.org/0009-0003-5880-0297>

Elane Maria Beserra Mendes

Mestre em Gestão em Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (MPGES/UECE), Especialista em Planejamento e Gestão do SUAS pelo Centro Universitário INTA (UNINTA). Assistente Social. Administradora. Perita Social pela Justiça Federal. Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8987766904267418>
<http://lattes.cnpq.br/8987766904267418>

Carlos Natanael Chagas Alves

Graduado em Fisioterapia (UNINTA), Mestre em Gestão em Saúde, Especialista em Saúde Pública com ênfase em Saúde da Família (Lato Sensu) Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5357749886200158>

Claudia dos Santos Costa

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais da FDV. Membro do Grupo de Pesquisa Acesso à Justiça na Perspectiva dos Direitos Humanos, vinculado à FDV. Coordenadora do Projeto de Mediação de Conflitos Familiares executado através da parceria entre Defensoria Pública do Estado do Ceará e Centro Universitário INTA (UNINTA). Assistente Social. Advogada.

Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza – CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5296262306686122>
<https://orcid.org/0000-0001-7636-6787>

Marta Elisa Bendor

Mestre em Administração, Universidade Vale do Itajaí - UNIVALI; Especialista em Marketing, Universidade Federal do Ceará - UFC; Bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Professora do Centro Universitário INTA (UNINTA).

Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil
<https://lattes.cnpq.br/848733836802523>.
<https://orcid.org/0000-0001-8790-136X>

Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui Licenciatura em Pedagogia (UNINTA). É Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura (UVA). Centro Universitário INTA - UNINTA, Sobral – CE, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3107774650128454>

<https://orcid.org/0000-0003-3738-2631>

RESUMO: Este artigo possui como objetivo correlacionar a visão ontológica de Heidegger ao sermão da quarta-feira de cinzas de Pe. Antônio Vieira discursado em 1672 em Roma na Igreja de D. Antônio dos Portugueses. A intenção é demonstrar como a visão Heideggeriana sobre o estar no mundo e a finitude como reflexão para nossa existência aplicado dentro da existência se alinha com a interpretação e a literatura de Vieira que aplica sua literatura para empregar uma ontologia não só de efemeridade e perenidade do ser, mas como esse artifício é usado para consolar aqueles que perderam seus entes queridos. Através da consulta a artigos na plataforma Scielo bem como no banco de repositório de teses e dissertações da CAPES, busca-se compreender, dentro de uma perspectiva filosófica o discurso de Vieira associado a Ontologia de Heidegger. Ao investigar a questão ontológica de heideggeriana chega-se à análise do discurso de Viera na tentativa de criar um paralelo sobre a visão metafísica do mundo, principalmente na vida após a morte, ou na morte para além da vida. Compreender como a Ontologia ao longo do tempo foi usada e inserida na Literatura mostra o constante traço que os elementos e as construções filosóficas ajudam a compreender os procedimentos de construção dos textos literários mesmo que haja uma distância temporal de séculos entre Vieira e Heidegger.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia. Martin Heidegger. Pe. Antônio Vieira. Metafísica. Literatura.

A HEIDEGGERIAN ONTOLOGICAL ANALYSIS OF BEING AND FINITUDE IN FATHER ANTÓNIO VIEIRA'S ASH WEDNESDAY SERMON OF 1672

ABSTRACT: This article aims to correlate Heidegger's ontological vision with Father António Vieira's Ash Wednesday sermon delivered in 1672 in Rome at the Church of Saint Anthony of the Portuguese. The intention is to demonstrate how the Heideggerian view of being-in-the-world and finitude, as a reflection on our existence, applied within existence, aligns with Vieira's interpretation and literature, which employs his writings to establish an ontology not only of the ephemerality and permanence of being but also as a means to console those who have lost their loved ones. Through the consultation of articles on the Scielo platform as well as the CAPES repository of theses and dissertations, this study seeks to understand, from a philosophical perspective, Vieira's discourse associated with Heidegger's Ontology. By investigating the Heideggerian ontological question, the analysis of Vieira's discourse attempts to create a parallel regarding the metaphysical view of the world, especially in life after death, or death beyond life. Understanding how Ontology has been used and integrated into Literature over time shows the constant trace that philosophical elements and constructions help to comprehend the procedures of constructing literary texts, even though there is a temporal distance of centuries between Vieira and Heidegger.

KEYWORDS: Ontology. Martin Heidegger. Father António Vieira. Metaphysics. Literature.

1. INTRODUÇÃO

A força motriz que fundamenta e impulsiona este estudo emerge de um interesse intrínseco em compreender como a visão ontológica do ser e da finitude proposta por Martin Heidegger se alinha com a proposição de Pe. Antônio Vieira ao discursar na quarta-feira de cinzas em 1672.

Sendo assim, o intuito central é alinhar aspectos de como Heidegger e Viera exploram o conceito do ser e da morte e sua respectiva existência, sobre o que somos a partir de uma reflexão do que fomos e do que seremos, ou seja, o que somos no presente como um reflexo da certeza do passado associado à certeza do futuro para que se emoldure um alerta para os vivos e uma esperança para os mortos.

A partir de uma investigação meticulosa por meio de artigos científicos de respaldo e relevância acadêmica e amparando-se ainda em teses e dissertações sobre as temáticas envolvidas, busca-se explanar como essa visão metafísica e existencial, entrelaça-se de forma dinâmica e filosófica com a perspectiva de Heidegger ao afirmar que a existência humana é uma contínua ação de projetar-se para o futuro, sempre em direção ao seu próprio fim. Heidegger, ao introduzir o conceito de “ser-aí” (*Dasein*) e “ser-para-a-morte” (*Sein-zum-Tode*), convida-nos a perceber a existência não como um estado estático, ou uma morte apenas na esfera física (clínica), porém como uma constante antecipação do término a qual a vida e a morte não são um evento isolado, mas uma possibilidade sempre presente que confere sentido à nossa existência.

A escolha da temática é justificada por uma necessidade de se analisar profundamente e integralmente como pontos de vistas de tempos e épocas tão distintos conseguem se unificar em aspectos tão intrínsecos como a morte e a existência. De um lado, há Heidegger, postulando uma nova visão ontológica e metafísica a qual remodelou a visão do mundo sobre a ação de existir; do outro, Antônio Vieira, com seu aspecto não só retórico, mas literário e teológico, concedeu um vislumbre sobre a morte e a vida. Criar uma interseção dessas visões, filosófica e literária, moderna e pós-moderna, permite oferecer uma visão rica e multifacetada da condição humana.

Esse estudo torna-se relevante uma vez que tal pesquisa buscou criar um entrelaçamento entre um grande nome da Literatura (Pe. Antônio Vieira) e um grande nome da Filosofia (Martin Heidegger) além disso, apesar de amplas discussões em textos acadêmicos sobre esses dois grandes nomes e suas temáticas, não se encontrou nada relacionando-os e nem delimitando tal proposição, o que se faz necessário discuti-la e compreendê-la.

2. METODOLOGIA

Para a escrita desse artigo foi utilizado inicialmente uma pesquisa exploratória e qualitativa com foco no procedimento técnico de natureza bibliográfica, de natureza básica, pois a intenção é trazer novos conhecimentos sem apresentar aplicação ou prática prevista,

para isso, foi realizada uma pesquisa de artigos na plataforma Scielo e posteriormente em livros bem como dissertações de mestrado e teses de doutorado no banco CAPES.

Posteriormente, foi feito um fichamento catalogando os textos mais relevantes para o recorte temático do artigo. Foi realizado um levantamento de livros para conceituar a noção e breve explanação de Ontologia por meio de Nicola Abbagnano (2012) com seu livro intitulado Dicionário de Filosofia e Michael Inwood (2002) com o Dicionário Heidegger.

Posteriormente se buscou textos de relevância acadêmica em temáticas como “Heidegger” especificamente tratando sobre a questão do “Dasein”, e da “morte” utilizando também termos como “Sein-zum-tode”. Foram encontrados alguns pertinentes, tendo sido escolhido o principal deles o artigo de Marco Aurélio Werle (2003) a qual a temática consiste em explanar sobre a angústia e a morte em Heidegger. Também foi utilizado o livro intitulado “Heidegger” de Inwood (1997) para referenciar os próprios conceitos Heideggarianos sobre o Dasein bem como o livro de Diané Collinson (2009) para falar sobre o objetivo do Dasein e alguns conhecimentos adquiridos sobre a concepção da morte e Ernildo Stein (2011) com livro Introdução ao pensamento de Martin Heidegger a qual tematiza questões da tentativa de Heidegger superar a própria Metafísica por meio de sua Ontologia, obviamente foi também usado o próprio livro Ser e tempo (2005) para as comparações.

Em seguida, foi construído também o levantamento bibliográfico pertinente a Pe. Antônio Vieira e a questão da morte e do seu discurso de quarta-feira de cinzas, apesar de poucas obras pertinentes, foi encontrado uma tese de Doutorado de Alan Ribeiro de Ataíde (2023) que foca em analisar a retórica de Vieira no discurso da quarta-feira de cinzas nos três sermões realizados, o que justifica o fato de no título conter a data de 1672, haja vista que há mais dois discursos de Quarta-feira de cinzas não contemplados neste artigo; e um artigo de Silva (2021) a qual tematiza a Morte em uma concepção dentro do Barroco a partir da retórica fúnebre dos discursos de Pe. Antônio Vieira.

Em seguida deu-se a leitura de ambos os textos e realizou-se um parâmetro comparativo, tendo o discurso da Quarta-feira de cinzas dividido em 7 partes, optou-se por analisar as concepções ontológicas de Heidegger a cada duas ou três partes analisadas do discurso de Vieira, a intenção era seccionar o texto conforme a retórica de Vieira encaminhando seu discurso com as temáticas desenvolvidas.

Nas duas primeiras partes do sermão foi explorada a posição do ser humano como um ente destinado para a morte bem como a concepção de temporalidade como essência da existência humana.

Na parte três, quatro e cinco explora-se a questão da consciência da finitude, tal finitude como um limite da totalidade do Dasein finalizando com a análise da parte seis e sete, que impulsiona a renovação do ser e da sua autenticidade por meio da concepção da imortalidade da alma discursada por Vieira.

Espera-se de forma otimista que essa pesquisa possa vincular a Ontologia de Heidegger no sermão de Vieira e que ela possa enriquecer os debates em andamento e

promover o desenvolvimento da teoria e da própria Filosofia e Literatura, resultando em melhorias na compreensão de tais fenômenos e, por conseguinte, que essa pesquisa crie um impacto positivo e mais substancial na Literatura e na Filosofia da sociedade atual.

3. REFERÊNCIAL TEÓRICO

No campo filosófico, a Ontologia sempre foi um assunto de intensa discussão e debate que se estenderam ao longo do tempo sofrendo críticas, remodelações e constantes formulações de compreensões e até de nomenclaturas.

Em termos gerais, a Ontologia foi um termo criado por R. Göckel em seu *Lexicon Philosophicum* de 1613 como “Doutrina do ser e das suas formas” (Abbagnano, p.848, 2012). Ainda no século XVII, Jacobus Tomasius considerou a Ontologia um termo mais apropriado para a Metafísica por julgar que Aristóteles, ao categorizar a Metafísica como filosofia primeira, nominava como intenção a busca pela *ousia*, ou seja, a essência.

A Ontologia passou, portanto, a representar uma parte da Metafísica (juntamente com a Crítica ou Gnoseologia e a Teodiceia) sendo aquela que procura conhecer a natureza dos seres. Portanto, a Ontologia corresponde a teoria geral do ser.

De tantas contribuições para essa temática, iniciando com Parmênides de Eléia, Platão, Aristóteles, atravessando a metafísica cristã no medievo em Tomás de Aquino e depois a crise da metafísica em David Hume, Kant com o fim da metafísica clássica, bem como a fenomenologia de Husserl, é inegável não reconhecer a imensa contribuição para a compreensão Ontológica de Martin Heidegger (1889-1976), que não só remodelou essa perspectiva como também adicionou ao vernáculo filosófico o termo “ônntico” do grego ontos, “o ser enquanto aquilo que é”, para Heidegger “a ontologia tomada em seu sentido mais amplo, independente de inclinações e tendências ontológicas” (Ser e Tempo, p.11)

Isso nos mostra que, para Heidegger, o ônntico estaria como base para designar o seu *Dasein*, ser-aí, em sua existencialidade mais concreta singularizando-se do ontológico por designar o ser em uma perspectiva mais geral. Tal aspecto nos mostra que “Heidegger desenvolve sua ontologia numa tentativa de superar a metafísica. Segundo ele, esta nunca pensou o ser nele mesmo ficando sempre presa a um ou outro tipo de ente.” (Gomes, 2010, p. 260).

Segundo Collinson (2009), Heidegger, em sua obra *O ser e o tempo* (1927), possuía como um dos seus objetivos a tentativa de indicar as experiências humanas de forma exata e como relação direta com o estar no mundo, tornando a pergunta fundamental não mais sendo aquela que questiona se algo existe, mas sim, o que significa algo ser; não só que o somos, mas também o que é ser, para entendemos se somos aquilo que conceituamos no ser.

Sendo agora a compreensão do ser algo de maior relevância, entender e examinar o que significa existir é de maior importância do que questionar o que existe.

Nisso, surge o Dasein, terminologia a qual o filósofo alemão usa para o estar no mundo, ou seja, denotar a existência de um ser vivo como atividade deste mundo o que lhe confere uma existência por experimentar, residir, morar no mundo.

A essência do Dasein, consiste em sua existência. Por conseguinte, as características que podem ser exibidas nessa entidade não são propriedades factualmente presentes de alguma entidade que "parece" isso ou aquilo e que está ela mesma factualmente presente; elas são em todos os casos modos possíveis do ser do Dasein, e não mais do que isso... Logo, quando designamos esse entidade como o termo "Dasein", estamos exprimindo não seu "o quê" (como se fosse uma mesa, uma cadeira ou uma árvore), mas seu ser. (Heidegger, 2005, p. 42)

Ao escolher o *Dasein*, ele encapsula o mundo inteiro, algo macro, não excluindo uma entidade das outras. No entanto, se se precisa definir o ser, antes de questionarmos a existência, Heidegger propõe que haja uma necessidade de filosofar sobre o que somos a partir da fenomenologia de nosso estar no mundo, e se cada experiência é particular, compartilha-se um estar no mundo multifacetado, entretanto, todos dentro de uma esfera única, eterna e indivisível do ser.

Neste amplo campo do fazer filosófico, há o amplo aspecto Literário dos sermões de Pe. Antônio Vieira (1608-1697), um dos maiores escritores portugueses do período Barroco sendo não só conhecido por seus discursos, mas por uma dialética singular em seus sermões.

Vieira usava a razão para o convencimento da fé, aproximando-se muita da estratégia que era usada por São Tomás de Aquino a qual tentava argumentar que a razão e a fé não são contraditórias, mas complementares. Segundo Gontijo e Massimi (2012), no conceito de memória, por exemplo, Vieira argumentava que tal aspecto caracterizava a ontologia humana e possuía uma dimensão ética significativa fazendo parte da construção do seu ser.

Os sermões Vieirianos, portanto, sempre contemplou o aspecto Ontológico, com a visão de sua época, obviamente, pois Vieira integrava a razão e a fé em um contínuo esforço para explorar e também para explicar a essência e a existência humana.

Em um período marcado pela intensidade do pensamento Barroco, que frequentemente dialogava com a tensão entre o material e o espiritual, entre razão e fé e entre homem e Deus, Vieira utilizava sua oratória para não apenas persuadir, mas também para provocar uma reflexão profunda sobre o ser, a vida e a mortalidade cujo intuito era levar o homem ao caminho da salvação, segundo Ataíde (2023)

Acrescenta-se que, sob a perspectiva dogmática da doutrina Católica, os sermões de Vieira se destinam à salvação da alma, pois apenas a qualidade desta será responsável pela salvação ou condenação do homem. A salvação do homem constitui o objetivo principal dos discursos pertencentes à esfera religiosa, na qual se enquadra o sermão. (Ataíde, 2023, p. 152)

Ao abordar temas como a morte e a existência refletia em seus discursos a

cosmovisão filosófica do século XVI a qual espelhava em seus aspectos o contraste entre a vida terrena: efêmera e incerta com a vida espiritual: eterna e imutável.

Sendo assim, a contribuição de Vieira para as Letras e para uma compreensão filosófica não é só de uma contribuição espiritual, mas acima de tudo, intelectual, o que o destacou ao longo do tempo a consagração como um dos grandes oradores e pensadores de seu tempo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O discurso da quarta-feira de cinzas fora primeiramente discursado em 1672 na igreja de Santo Antônio dos Portugueses em Roma, dividindo-se em 7 partes, que estabelecem uma separação temática e dialética de sua proposição central, que é inclusive apresentada como sua problemática inicial.

Vieira pretende explicar em seu discurso o motivo de as Escrituras Sagradas nomear o homem como pó. “Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.”¹ (Vieira, 1998, p.55)

O discurso inicia com alguns questionamentos que iniciam a problemática, afinal, que seremos pó e fomos pó não é necessária confirmação, apenas a vista; tudo que vemos do passado agora é pó, e sabemos pela certeza do futuro que também tudo que cobre a natureza se torna pó.

Assim sendo, Vieira questiona essa aceitação que, no passado e no futuro, fomos e seremos, mas como assimilar a ideia de que somos pó? Haja vista que

A Igreja diz-me, e supõe que sou homem: logo não sou pó. O homem é uma substância vivente, sensitiva, racional. O pó vive? Não. Pois como é pó o vivente? O pó sente? Não. Pois como é pó o sensitivo? O pó entende e discorre? Não. Pois como é pó o racional? Enfim se me concedem que sou homem: *Memento homo*; como me pregam que sou pó: *Quia pulvis es?* (Vieira, 1998, p. 56)

A segunda parte do discurso pretende responder a esse questionamento que alicerça toda a temática da sua peroração, o motivo é que “O homem em qualquer estado, que esteja, é certo, que foi pó, e há de tornar a ser pó. Foi pó, e há de tomar a ser pó? Logo é pó. Porque tudo o que vive nesta vida, não é o que é; é o que foi e o que há de ser” (Vieira, 1998, p. 57). Ou seja, somos um pedaço de tempo breve que se resume a certeza do passado e do futuro, o presente é nada mais do que um resultado intrínseco desses dois recortes temporais. Portanto, o ser está para além do tempo presente, se por apenas um breve tempo vivemos, mas antes de existir éramos pó, e na maior parte retornamos para o pó, nada mais lógico afirmar que somos pó.

Para exemplificar tal afirmação Vieira lança mão de dois exemplos bíblicos: a vara de Moisés ao virar serpente e a definição que Deus dá de Si para Moisés.

¹ Lembra-te homem, que és pó, e em pó te hás de converter. (T.A)

No primeiro momento, usando a versão latina da bíblia traduzido por Jerônimo, Arão lançou a vara que virou cobra devorando as outras egípcias, entretanto, Viera chama atenção para um fato:

Devoravit virga Aaron virgas eorum: a vara de Arão comeu, e engoliu as dos egípcios (Êx. 7, 12). Aqui reparo. Parece que não havia de dizer, a Vara; senão, a Serpente. A vara não tinha boca para comer, nem dentes para mastigar, nem garganta para engolir, nem estômago para recolher tanta multidão de serpentes: A Serpente, em que a vara se converteu, sim: porque era um dragão vivo, voraz, e terrível, capaz de tamanha batalha, e de tanta façanha. Pois por que diz o Texto que a vara foi a que fez tudo isto, e não a Serpente? Porque cada um é o que foi, e o que há de ser. A Vara de Moisés, antes de ser Serpente, foi vara, e depois de ser Serpente, tornou a ser vara: e serpente que foi vara, e há de tomar a ser vara, não é serpente, é vara: *Virga Aaron*. É verdade que a serpente naquele tempo estava viva; e andava, e comia, e batalhava, e vencia, e triunfava: mas como tinha sido vara, e havia de tomar a ser vara, não era o que era: era o que fora, e o que havia de ser: Virga. (Vieira, 1998, p.57)

Tal exemplo confirma a tese do padre ao alegar que a existência do homem sendo alterada pelo seu estar no mundo (breve, efêmero) torna-se em uma essência previsível de que é pó, assim como a cobra na sua essência, não era cobra, e sim, vara.

Pode-se inferir que a cobra enquanto existiu era cobra, e antes e depois de existir, de encerrar seu breve tempo, era vara. Ao homem atribui-se a mesma prerrogativa, existimos como homem, mas adquirindo uma visão macro diante dos cosmos e de Deus, somos pó, pois somos breve no mundo enquanto existência. Depois exemplifica Deus, que estando no campo da essência e não da existência profere: “Sou aquilo que sou”², argumenta-se que somente Deus pode alegar ser quem é, pois sendo imutável e eterno pode alegar: sou o que sou, pois sempre foi e sempre será, mas o homem não, pois tendo a certeza de mutabilidade não é aquilo que é, pois não pode garantir que é sempre o mesmo que foi e nem é aquilo que sempre será.

Nesse ponto de análise das duas partes iniciais do discurso, já se pode encontrar a perspectiva ontológica de Heidegger em dois aspectos: primeiro, na própria concepção do ser humano como um ente projetado para a morte e, segundo, na concepção de temporalidade como condição inerente da existência humana.

Heidegger, em sua obra “Ser e Tempo”, postula que o ser, ou Dasein, é definido pela sua temporalidade e pela antecipação constante de sua própria finitude singularizando o ser-aí, “a finitude da existência humana, o fato de que o homem tem um fim, que ele morre e que sua existência acaba, ou seja, remete a um outro conceito fundamental de Heidegger, que é o ser-para-a-morte [Sein-zum-Tode].” (Werle, 2003, p. 110)

Assim como Vieira argumenta que o homem é pó por sua transitoriedade e sua inevitável dissolução cumprindo um ciclo de pó para pó, Heidegger afirma que a existência autêntica envolve a compreensão de que o ser está sempre em direção à sua própria morte,

²Vieira usa a expressão no original latino: *Ego sum qui sum.* (1998, p.58)

A temporalidade, portanto, brota de nossa condição de ser-para-a-morte. A última possibilidade me leva à minha primeira possibilidade e, a partir desta, assumo as possibilidades do presente. Futuro-passado-presente: é a tríade da qual brota a temporalidade. Nela o futuro é decisivo. [...] Uma vez compreendida a temporalidade, é dela que brotará o sentido dos momentos da preocupação. Existência (futuro), facticidade (passado), decaída (presente) têm seu sentido na temporalidade. (Stein, 2011, p. 72)

Assim, a perspectiva Heideggeriana face à temporalidade encontra-se na forma como Vieira trata o presente como uma interseção entre o passado e o futuro e sendo o presente um consequente resultado de ambas, ou seja, se somos pó em qualquer estado que venhamos a estar, já se carrega em si o trajeto de nosso começo em direção ao fim em si, unificando assim passado e futuro em uma continuidade que define nosso ser.

Na terceira parte de seu discurso, alega-se o ciclo do pó na tentativa de fazer entender que se está no mundo para cumprir esse ciclo, o padre usa o exemplo de Abraão e Jó a qual nas interlocuções com o divino estabelecia-se um reconhecimento direto com o pó, ou seja, suas essências: “Lembrai-vos, Senhor, que me fizestes de pó, e que em pó me haveis de tornar (Jó 10, 9)” e “Falar-vos-ei, Senhor, ainda que sou pó: e cinza (Gên. 18, 27)” (Vieira, 1998, p. 59). Exemplifica-se novamente que Jó descreveu-se ser como o passado, enquanto que Abrão descreve a si como presente fazendo com que um declarasse aquilo que era, outro declarava o porquê era. A quarta parte traz um novo problema desenvolvido pelo orador barroco que consiste na tentativa de estabelecer uma diferença entre vivos e mortos, se tudo é pó, qual a diferença entre alguém vivo e uma pessoa morta? A resposta é esta: “Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído: os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: *Hic jacet.*” (Vieira, 1998, p. 61).

Estar vivo ou morto é apenas uma circunstancialidade do pó, mostrando que há o pó morto e o pó vivo, o pó que anda e o pó que repousa.

Posteriormente, dedica-se a parte cinco e seis para uma divisão em seu discurso com a intenção de conversar com ambos os pós, a quinta parte, para o pó levantado, os vivos, a sexta parte para o pó caído, os mortos.

A quinta parte, direcionada ao pó vivo, emite-se o alerta

Digo, que se lembre o pó levantado, que há de ser pó caído. Levanta-se o pó com o vento da vida, e muito mais com o vento da fortuna: mas lembre-se o pó, que o vento da fortuna não pode durar mais que o vento da vida: e que pode durar muito menos, porque é mais inconstante. O vento da vida por mais que cresça, nunca pode chegar a ser bonança; o vento da fortuna se cresce, pode chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nela o mesmo vento da vida. Pó levantado, lembra-te outra vez, que hás de ser pó caído, e que tudo há de cair, e ser pó contigo. (Vieira, 1998, p.63)

Semelhante a Vieira, assim diz Heidegger: “o fim do ser no mundo é a morte” esta finitude é um limite da totalidade do Dasein (Heidegger, 1989a, vol. II, p.12 *apud* Werle, 2003, p. 110).

Werle (2003) ainda discorre para a questão da morte em Heidegger ao dizer

Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser para a morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. Depois de termos morrido não podemos mais sentir a morte. É um fato que a morte é algo que apenas podemos experimentar indiretamente, no outro que morre. A morte tem este aspecto paradoxal de apenas surgir quando não pode mais constituir um problema para o Dasein, a não ser que ele a assume como a sua mais própria essência na própria existência. (Werle, 2003, p. 110-111)

É justamente ao dizer que a morte só existe para quem está vivo que se justifica Vieira falar aos vivos sobre aqueles que não mais estão. A morte não existe para o pó caído, apenas para quem é pó levantado, pois sendo vivo, detém-se a percepção única de sua finitude, de sua perenidade, de sua transitoriedade. Saber e dotar-se dessa percepção da morte “singulariza o ser-aí” (Heidegger, 1927, p.263).

Tanto que Vieira, no final da parte cinco, utiliza o exemplo de Roma, ao dizer que Roma não é mais a Roma de Santo Agostinho, a Roma dos grandes Césares ou dos grandes renascentistas, há uma Roma nova e viva em cima de uma Roma antiga agora morta, sendo Roma um sepulcro de si mesma. Isso se reflete sobre o pó vivo, e a necessidade de cuidarmos daquilo que somos. Viera (1998, p.65) nos diz: “Nas tuas ruínas vês o que foste, nos teus oráculos lês o que hás de ser; e se queres fazer verdadeiro juízo de ti mesma, pelo que foste, e pelo que hás de ser, estima o que és”

Tanto que Ataíde (2023) discorre ao dizer que

Ora, a herança adâmica do homem faz referência à mortalidade que lhe é característica, assim como a consciência de que a morte lhe é reservada para o futuro. Notamos, pela afirmação vieiriana, que o homem é um ser mortal e que a mortalidade deve ser objeto do sentimento de medo. Assim, a primeira paixão sugerida pelo sermão no que tange à morte é a de que ela deve ser temida. (Ataíde, 2023, p. 282)

A temeridade na citação supracitada, não é o medo no aspecto do terror, entretanto, no sentido de não haver extrema confiança (conceber-se imortal) na mortalidade dessa vida.

Tal ação de ser, de estar no mundo, de estar no presente, sabendo que o presente é o passado do futuro e que o presente é o futuro do passado há uma necessidade de se cuidar desse presente temendo a morte, em Heidegger, encontra-se o termo Sorge, um cuidado pela existência, esse cuidado, essa preocupação

[...]faz de uma só vez uma recapitulação de todo o seu existir e toma consciência [Gewissen] do caráter essencialmente finito de sua existência, toma consciência do caráter essencialmente temporal do ser e de que está entregue somente a ele mesmo e à manifestação do ser. (Werle, 2003, p. 110)

Por isso aos vivos uma constante reflexão sobre a própria existência e a ação constante de cuidar de si e dos outros, e tendo consciência da finitude e tendo esse cuidado, pode-se chegar à concepção de autenticidade proposta por Heidegger, pois o homem assume essa responsabilidade diante do seu ser. É justamente o ponderar frente à morte que se intensifica o ato de viver de modo a conceber maior propósito e integridade. “Assim sendo, a morte é uma etapa natural, a mais esperada, nunca é mera destruição.” (Silva, 2021, p. 108)

A sexta parte é dedicada aos mortos, ao pó caído, Viera agora traz um interessante elemento dialético comparativo, pois se vivos somos pó, pois “seremos” e “fomos”, aos mortos, dir-se-á que são homens, pois foram, no passado enquanto existiam e serão, no futuro que se é certo contidos na esperança da ressurreição. “Este homem, este corpo, estes ossos, esta carne, esta pele, estes olhos, este eu, e não outro, é o que há de morrer, sim; mas reviver, e ressuscitar à imortalidade. Mortal até o pó, mas depois do pó, imortal.” (Viera, 1998, p. 69)

É apontado ainda em seu discurso que cabe ao homem lembrar sempre desse fato, não se pode viver nesta vida como se fôssemos imortais, e não se esquecer da imortalidade como se não a houvesse. Por isso, os mortos são comparados à figura da Fênix

[...] nascer Águia é fortuna de poucos, o renascer Fênix é natureza de todos. Todos. Todos nascemos para morrer, e todos morremos para ressuscitar. Para nascer antes de ser, tivemos necessidade de pai e mãe que nos gerasse; para renascer depois de morrer, como a Fênix; o mesmo pó em que se corrompeu, e desfez o corpo, é o Pai, e a Mãe de que havemos de tomar a ser gerados [...] (Vieira, 1998, p. 68)

Usando as metáforas da águia e da Fênix, destaca-se a singularidade da experiência humana de renascer após a morte. Ele reforça a universalidade da morte e da ressurreição, entretanto o cuidado e as ações que cada um exerce no mundo é particularmente sua, tornando-se o homem integralmente se sua existência nesta vida efêmera e na próxima que é imortal, nisso concerne a importância de lembrar tanto aos vivos quanto aos mortos sobre a transitoriedade da vida e a esperança na vida eterna.

A sétima e última parte é para ressaltar a importância da consciência da morte, pois o que se faz nesta vida mortal ressoa na outra vida imortal.

Cansar-me, afligir-me, matar-me pelo que forçosamente hei de deixar, e do que hei de lograr, ou perder para sempre, não fazer nenhum caso! Tantas diligências para esta vida, nenhuma diligência para a outra vida? Tanto medo, tanto receio da morte temporal, e da eterna nenhum temor? Mortos, mortos, desenganai estes vivos. Dizei-nos que pensamentos, e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e saístes pelas portas da morte? A morte tem duas portas: *Qui exaltas me de portis mortis*. Uma porta de vidro, por onde se sai da vida, outra porta de diamante, por onde se entra à eternidade. (Viera, 1998, p.72)

Ao fim, Vieira solicita que haja uma reflexão desta vida: quanto se tem vivido, como se tem vivido, quanto ainda se pode viver. Porque a vida deve ser para os vivos uma constante da morte e um eterno lembrete de que somos pó levantado que se vai ao pó caído, mas regozijar a esperança de que aqueles que são pó caído estarão um dia como a Fênix, levantados.

Tais discurso de Viera, tais reflexões filosóficas de Heidegger, ponderam e refletem de forma atemporal, pois somos ainda imutáveis enquanto pó caído, sobre a vida como um eterno olhar para além dela, tendo sempre consciência de sua finitude, em um mundo atual que cada vez mais parece não se encontrar em sua essência.

Pode-se, portanto, encontrar a reflexão da essência e a viver com cuidado profundo, íntegro e significativo por uma existência não só nossa, mas daqueles que estão ao nosso redor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo principal analisar o discurso da Quarta-Feira de Cinzas de Pe. Antônio Vieira e traçar um paralelo com a filosofia de Martin Heidegger sobre o estar-no-mundo e a morte. Partindo de uma leitura atenta dos textos de Vieira, especialmente de seus aspectos filosóficos e referências bíblicas, e cotejando-as com os conceitos heideggerianos de ser-para-a-morte e temporalidade, este trabalho revelou como ambos os autores, apesar de contextos e épocas distintos, partilham uma visão profunda e interligada da condição humana.

O objetivo geral de explorar a relação entre a visão ontológica de Heidegger e a teologia de Vieira foi alcançado, demonstrando como ambos entendem a finitude humana e a importância da reflexão sobre a morte para uma vida autêntica. Especificamente, elucidamos como Vieira se utiliza da percepção do homem enquanto pó para explicar a ressurreição e a temporalidade do ser humano, algo que Heidegger também aborda ao discutir a importância de viver com a consciência da própria finitude. Identificamos também como a perspectiva de cuidado (Sorge) de Heidegger complementa a pregação de Vieira sobre a necessidade de viver com consciência e responsabilidade.

O problema proposto para o estudo – compreender como a visão ontológica de Heidegger se alinha com a teologia de Vieira – foi amplamente atendido. Mostrou-se que, apesar das diferenças contextuais, ambos os pensadores tratam da essência humana de maneira que se complementa e enriquece mutuamente.

Seria interessante para futuras investigações, aprofundar a análise de outros sermões de Vieira sob a luz de diferentes correntes filosóficas contemporâneas, ampliando o diálogo entre literatura barroca e filosofia moderna. Tal ação se faz necessário pois explorar como outras tradições religiosas e filosóficas tratam da questão da finitude e do cuidado com a existência poderia proporcionar uma compreensão ainda mais abrangente da universalidade desses temas.

Ao abordar a intersecção entre as reflexões teológicas de Vieira e a ontologia de Heidegger, este trabalho não só revela a atemporalidade das preocupações humanas com a existência e a morte, mas também é um convite a viver de maneira mais consciente e autêntica, valorizando cada momento de nossa breve passagem pelo mundo, de nosso breve momento de pó levantando.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Da 1º edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi: revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. – 6º ed. SP: Ed. WMF Martins Fontes, 2012.
- ATAÍDE, A. A. de. Antônio Vieira e a consciência do jogo: os mundos retórico e ontológico na gênese do período barroco. Abril: **Revista dos Estudos de Literatura Portuguesa e Africana-NEPA** UFF, v. 2, n. 3, p. 31-46, 2009.
- GOMES, R. W. G. DE M. **A questão do nada em Heidegger e Sartre**. Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, v. 2, n. 04, p. 259–271, 2010. Disponível em <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2010.v2n04.4380>. Acesso em 31 de maio de 2024.
- GONTIJO, S. R.; MASSIMI, M. **O conceito de memória nos sermões do Pe: Antônio Vieira**. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro , v. 64, n. 3, p. 163-182, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300011&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 maio 2024.
- HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Ed. Vozes, 2005.
- INWOOD, M. J. **Heidegger**. 10º ed. Edições Loyola, 1997.
- _____, M.J. Dicionário Heidegger. Trad. Luísa Buarque de Holanda. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2002.
- SILVA, F. L. da “**Morte barroca**”: os fundamentos da retórica fúnebre nos sermões de Antônio Vieira. Terceira Margem, v. 25, n. 47, p. 107–122, 2021.
- STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martim Heidegger**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. 208 p – (Coleção Filosofia; 152)
- VIERA, A. S. J., **Sermões do Padre Antônio Vieira – V.1**; revisão e adaptação de Frederico Ozahan Pessoa de Barros. Erechim: EDELBRA, 1998.
- WERLE, M. A. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. Trans/Form/Ação, v. 26, n. 1, p. 97–113, 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>. Acesso em 30 de maio de 2024.